Ponto-cruz

Ponto-cruz

Jazmina Barrera

Tradução de
Silvia Massimini Felix

MOINHOS

Para aquelas que bordaram comigo

Não fique triste, Lilí.
Você encontrará o fio, e encontrará a aranha.

Elena Garro

Ao meio-dia, fui tomar banho. A umidade no banheiro ia crescendo no teto, descascava a pintura e alimentava uma colônia de fungos, primeiro verdes e depois vermelhos, como numa tortilha embolorada. É o tipo de coisa que deixei de lado durante o primeiro ano e meio da vida da minha filha, cansada e ocupada demais para prestar atenção nisso, mas agora está começando a me incomodar.

Entrei nua no quarto, procurei minhas roupas e antes de me vestir ouvi o celular vibrar. Uma mensagem do Facebook apareceu na tela, mensagem de Valentina Flores. Levei um momento para lembrar que era a tia de Citlali. "Estou morrendo de tristeza, querida Mila", dizia ela. "Meu coração se parte toda vez que escrevo essas palavras. A Citlali sofreu um acidente no mar de Senegal e se afogou. Já estamos trazendo suas cinzas de volta. Sinto muito, minha querida. Ela te adorava e eu sei que você a adorava também."

Minha cabeça explodiu como se meu rosto tivesse sido quebrado. Como se estivessem tentando sugar meu cérebro pelos olhos e eu não conseguisse abri-los. Não sei quanto tempo fiquei abraçando a toalha, sentada na cama, tentando chorar em silêncio para não chamar a atenção da minha filha e de Andrés. Imagens breves e dolorosas se sobrepunham no meu cérebro, como morcegos numa caverna: o rosto de Citlali com lábios azulados; suas

mãos lutando contra o mar; sua boca aberta, tragando água salgada; seu corpo flutuando entre algas, espuma e garrafas plásticas. Tudo se misturava com as risadas e o canto agudo da minha filha, que dançava com o pai ao som de um disco do The Breeders. O cabelo molhado escorria pelo meu pescoço. Não conseguia respirar.

Depois de um tempo, seu pai a entreteve com um brinquedo e entrou na sala. Mas qual amiga?, perguntou. Você não a conhece, eu disse, você a viu apenas uma vez. A do cachorro com parvovírus? Não. A punk? A engenheira? A ruiva que não gosta de crianças? A loira que não gosta de crianças?

Eu sorri e imediatamente percebi que meu nariz estava começando a sangrar. Andrés foi buscar algodão para estancar o sangramento. Não tive forças para explicar a ele quem era Citlali. Até mais tarde, até de noite, quando comecei a tentar.

É aquela que morava na Espanha?

Não, digo a Andrés, essa é a Dalia; a Citlali se mudava o tempo todo. No fim ela morava no Brasil, mas passava muito tempo viajando, porque trabalhava numa ONG ambiental.

Ah, e eu a conheci? Uma de cabelos pretos, morena?

Não, essa era a Dalia. A Citlali tinha cabelos claros e curtos, era bem magra.

Aquele que usava roupas meio masculinas?

Sim, ela.

E você conheceu as duas quando era criança?

Na adolescência.

Mas depois você estudou com a Dalia.

Na mesma faculdade, mas não no mesmo curso.

Ah, sim, acho que sei.

Acordei muito tarde no dia seguinte, e a primeira coisa que fiz foi escrever para Dalia. Ela respondeu algumas horas depois. Escreveu apenas: Já sei. Eu não soube mais o que lhe dizer, e suponho que ela também não.



A etimologia do verbo bordar tem uma raiz indo-europeia (*bhar*) que significa "ponta", "agulha", que o relaciona com a palavra latina *fastus*, da qual derivaram fastuoso e fastidio . Bordado e bordar viriam, mais tarde, do francês antigo *bord*, que significa "lado do navio". Por esse ramo, bordar se relaciona com a palavra "borda", porque o bordado era usado para decorar a borda do tecido.

Vem do século X uma passagem do Livro de Exeter que diz em anglo-saxão: *Faemne aet hyre bordan geriseth*. A tradução desta frase é ambígua, pois a palavra *bordan* significa "bordado" e também "borda". Algumas pessoas traduzem: "O lugar de uma mulher é junto ao seu bordado". Uma tradução mais livre poderia ser: "O lugar de uma mulher é junto ao abismo".



Fiquei imersa por dias numa tristeza profunda pela morte de Citlali. Eu me distraía com a rotina diária, os cuidados com minha filha que exigem atenção absoluta, vivendo no mais estrito presente, mas a cada momento de tranquilidade me regressava a tristeza misturada à raiva. Ainda me agito: estou furiosa com ela, por ter se deixado vencer, por nunca ter conseguido desafiar o pai ou se recuperar da morte da mãe, por não ter conseguido se recompor. No meu mais profundo egoísmo, também a censuro por ter desistido do mundo em que minha filha agora também vive, por ter me abandonado na minha nova vida, agora que sinto tanta falta do seu humor e do seu carinho. Mas outra parte minha está com raiva de mim mesma; sinto-me impotente e ao mesmo tempo responsável por não ter cuidado melhor dela. A raiva e a infelicidade se revezam em ondas.

Levei alguns dias para responder à mensagem da tia Valentina. Disse a ela o quanto a notícia me machucou e que eu estava angustiada por não saber mais detalhes, pedi que me explicasse o que aconteceu com Citlali. Ela repetiu a mesma coisa que havia dito em sua mensagem anterior: que Citlali havia se afogado no mar do Senegal; foi nadar e nunca mais saiu do mar. Encontraram seu corpo horas depois, na praia. Nada em suas palavras deixava claro para mim se havia sido um suicídio ou um acidente.

As cinzas estavam com seu pai. Ele as depositara na sala de estar do seu apartamento. Eu queria saber exatamente em que local do apartamento, mas decidi que era melhor ir lá e descobrir por mim mesma.

Perguntei se estavam planejando fazer alguma cerimônia de despedida. Teria que ser feita, sim, ela respondeu, mas eu não tenho cabeça, estou destroçada. Você poderia nos ajudar a organizá-la? Levei alguns segundos para responder, mas disse que sim, é claro. Pedi que me falasse uma data, ela disse que entraria em contato com seus amigos e que pensaria em como fazê-lo.



Decido deixar o bordado de lado por um tempo para fazer essas ligações. Estou me sentindo culpada por postergá-las há dias. Não sei como posso bordar e pensar em Citlali e não furar os dedos. Eu me propus a começar hoje, embora me custe muitíssimo fazê-lo. Tenho uma caderneta telefônica antiga onde devo ter anotados os celulares de alguns amigos do colégio. Talvez alguns deles tenham conservado o mesmo número.

Vasculho a gaveta mais bagunçada da minha mesa, mas antes de encontrá-la me deparo com outra caderneta, a da viagem à Europa, e sento-me para folheá-la. Com a morte de Citlali, as recordações que compartilhávamos desabam sobre mim, porque ela não está mais lá para me ajudar a carregá-las. Imagens,

cenas e conversas que eu não sabia que tinha esquecido surgem por toda parte, segredos e memórias apenas nossos e outros que dividíamos com Dalia. Nesta caderneta há vestígios daquelas experiências de nós três, fotos e anotações de lugares que visitamos juntas e uma coleção considerável de lixo colada no papel: ingressos para museus, bilhetes de metrô, folhas secas, a embalagem de um chiclete. Há informação suficiente nessas páginas, nos pedacinhos de papel e nas frases, para reconstruir e lembrar o itinerário, embora eu saiba perfeitamente que me lembro mal, que invento metade das coisas. Mais da metade. E não me importo.

Encontro a passagem da Air France e me recordo da nossa viagem, aos dezenove anos, como se estivesse rememorando um sonho. Desde o último ano do ensino médio, Dalia trabalhava durante os fins de semana numa livraria em Coyoacán, mas na realidade sua passagem havia sido um presente da sua tia lésbica. Tanto Dalia quanto eu éramos filhas de pais separados, o que na época já era muito comum, mas também estávamos unidas por esta coincidência que nos parecia estranha: ambas tínhamos tias lésbicas e solteiras — fantasiávamos em juntá-las num encontro às cegas, mas elas nunca quiseram — que eram quase como segundas mães para nós, mas com um pouco mais de poder aquisitivo e muito mais capitalistas. Minha tia comprou minha passagem sem reclamar, embora certamente tenha pagado em muitas parcelas. No último minuto, meu pai, que me devia quatro anos de pensão alimentícia, apareceu para me dar um surpreendente e culpado maço de dólares que eu guardei no sutiã, como minha mãe havia recomendado.

O motivo da viagem era visitar Citlali, que estava na França havia seis meses. Poucos dias antes do voo, ela nos enviou uma carta dizendo que tinha ficado dois dias sem comer por falta de dinheiro, e então a viagem se tornou urgente: íamos resgatar nossa amiga, deixá-la em segurança e trazê-la de volta, como eu

queria, embora esse meu desejo fosse motivo de discórdia entre mim e Dalia.

Na manhã da viagem, Citlali enviou outro e-mail, quase um telegrama, que dizia sem mais delongas que não poderia nos ver em Londres, que nos encontrava em Paris na semana seguinte. Perguntamos a ela o que havia acontecido, se estava tudo bem, dissemos que por favor reconsiderasse, que emprestaríamos dinheiro para pagar as despesas da viagem a Londres, mas no fundo sabíamos que não havia nada a fazer. Dalia e eu passearíamos sozinhas em Londres e então, se Citlali não chegasse a Paris, nós mesmas iríamos buscá-la na vila da Provença onde ela estava.

Minha mãe completamente ateia me benzeu quando se despediu, mas pelo menos concordou em ficar em casa. A mãe de Dalia, por outro lado, insistiu em nos levar ao aeroporto. Ela nos perguntou se nossos celulares estavam com bateria, se tínhamos anotado o endereço do primo de Dalia, se tínhamos anotado o número de telefone de Citlali para alguma emergência. Eu já te disse que ela não vai para Londres, que vai nos encontrar em Paris, Dalia respondeu impaciente. Mas para uma emergência, sua mãe repetiu. O que ela vai fazer numa emergência, se está na França?, Dalia ficou exasperada e eu as interrompi. Peguei uma mecha do cabelo de Dalia entre os dedos: Sua mecha vermelha agora é oficialmente rosa. Eu sei! Descoloriu muito rápido, mas acho que gosto mais assim. Sorriu para mim, esquecendo-se de Marie, sua mãe, por um momento. Então Marie soltou um suspiro e um "Deus abençoe" — detestava que Dalia tivesse tingido o cabelo. Deu-lhe dois beijos fortes de despedida e pediu a mim (e não a Dalia) para avisá-la quando chegássemos a Londres.

Depois, Dalia e eu nos dirigimos à fila interminável para despachar as bagagens. Estávamos vestindo nossos casacos de neve, embora o que estivesse fazendo no México dificilmente pudesse ser chamado de frio. Eu estava com inveja de seu casaco, era

lindo: preto e acinturado. O meu parecia um saco de lixo. Minha mãe concordara em me comprar um casaco apenas se fosse recheado com penas de ganso. Nada de poliéster e aqueles plásticos que estão acabando com o mundo. Eu sabia que era melhor não contradizê-la nessas coisas, mas o único casaco que encontramos era uns dois números maior e tinha um estranho ornamento amarelo fosforescente no gorro. Houve um tempo, antes dessa viagem, em que Dalia me chamava carinhosamente de Tucano, já tínhamos esquecido o motivo. Quando reparou no casaco, pôs o gorro em mim e me chamou Tucano!, e nós rimos e ela me abraçou.

Ou tentou me abraçar, sem largar a mala gigante que arrastava, porque a alça havia quebrado assim que ela chegou ao aeroporto. Também levava uma maleta, uma bolsa e uma mochila. Perguntei por que estava levando tantas coisas e ela me disse que eram roupas de frio. E nessa bolsa? Comida para o avião, porque dizem que a comida que dão é horrível. E nessa outra? O material de bordado. Ia precisar se distrair, disse ela, porque não conseguia dormir em lugares desconfortáveis. E vão te deixar passar com as agulhas?, perguntei. Estou levando apenas uma e está presa na almofada de alfinetes, acho que não vão notar.

Meu bordado estava no fundo da mala. Eu estava bordando uma árvore preta, com pássaros pretos, num pano preto. Dalia ainda não tinha visto. Para o avião eu trouxera livros e música, um aparelho cheio de músicas e fones de ouvido, aqueles com fios, que podíamos compartilhar para ouvir juntas. Dalia disse que não entendia nada de música e que gostava do que eu ouvia, que assim aprendia.

Nossa fileira no avião era de três assentos. Tínhamos quase certeza de que sentaríamos só nós duas, com um assento extra para esticar os braços e colocar nossas coisas. Estávamos felizes em viajar sozinhas; tínhamos acabado de terminar nosso primeiro semestre na universidade, era um momento magnético,

cheio de possibilidades, estávamos estudando pela primeira vez o que realmente queríamos estudar, dávamos nossos primeiros passos num caminho inteiramente nosso. Uma canção de Françoise Hardy diz que aos vinte anos somos os reis do mundo e, embora ainda tivéssemos dezenove, sentíamos que o mundo estava aos nossos pés, que estávamos voando sobre ele, como faríamos dentro de poucos minutos.

Um momento antes de as portas do avião se fecharem, entrou um jovem padre, quase bonito. Tivemos que nos espremer para ceder passagem ao seu lugar na janelinha da nossa fileira. Ele nos cumprimentou muito gentilmente, leu as instruções de segurança algumas vezes e então começou a ler um livro com um sapo na capa chamado *Lágrimas de esperança*. Dalia tirou o bordado. Estava no meio de um marcador com um padrão muito complicado de flores vermelhas em ponto-cruz. Era um presente para o aniversário da sua tia. Presentes de aniversário eram nossa desculpa favorita para bordar. Eu estava lendo *Sempre vivemos no castelo*, de Shirley Jackson. Era uma leitura muito envolvente: sua personagem era igual a mim, pelo menos uma parte de mim, porque eu era muito mais covarde e alegre, mas enquanto lia me embriagava com a ilusão de que éramos um pouco como irmãs, que eu entendia sua escuridão, que era minha também.

O padre deixou de lado o livro do sapo e nos perguntou se podia nos fazer uma pergunta, sem querer nos incomodar. Eu respondi que sim. Não podia evitar, disse ele, porque quase não convivia com moças da nossa idade e estava muito curioso para saber se acreditávamos em Deus. Minha posição era que não havia como saber se Ele existia, mas pensei que tínhamos que viver como se não existisse. Tenho certeza de que não existe, disse Dalia; todas as religiões, e o cristianismo em particular, são ficções interessantes, mas perigosas. Que interessante, disse o padre, e embarcou com Dalia numa discussão bizantina sobre as evidências a favor e contra a existência de Deus. Parei de

prestar atenção depois de um tempo, mas não consegui mais me concentrar em Jackson, então coloquei os fones de ouvido e sintonizei num filme de Hugh Grant. Dalia, Citlali e eu conversamos algumas vezes sobre o enigma de Hugh Grant: não estava claro se ele era bonito ou feio, se parecia bonito porque era simpático ou se de tanto dizermos que era bonito acreditávamos naquilo, mas na realidade ele era feio. É isso que queremos dizer quando dizemos que alguém é atraente?, queria perguntar a Dalia. Não disse nada, porque com o canto do olho eu podia ver que a discussão continuava e que ela estava ficando com raiva, levantando a voz. Escutei que citava os evangelhos apócrifos e alguns filósofos alemães que eu não conhecia. O que você sabe, vocês são garotas ricas que foram enviadas para a Europa por seus pais!, disse o padre quase gritando. E você é um idiota velho e certamente um pederasta, respondeu Dalia, que fez um gesto conclusivo, levantou-se e foi ao banheiro. Quando voltou, na mesma hora pegou um exemplar de *As pequenas virtudes*, de Natalia Ginzburg, e se afundou no livro como se estivesse num cofre. Depois de um tempo, o padre também levantou. Ele nos pediu licença para chegar ao corredor e, para fazer as pazes, voltou com dois picolés de chocolate que estavam sendo distribuídos na parte de trás do avião. Nós os aceitamos um pouco incomodadas — pareciam deliciosos. O padre tentou se desculpar e retomar a conversa com Dalia, mas ela disse com firmeza que não queria mais falar com ele. O padre parou de lamber a paleta, terminou com mordidas e continuou lendo com o cenho franzido, por mais uma hora. Então adormeceu, aninhado, como um feijão preto, no gorro do casaco. Quando Hugh Grant finalmente encontrou a felicidade, coloquei uma máscara nos olhos, os fones nos ouvidos e adormeci também.

Quando saí do avião, percebi que meu professor das aulas de Shakespeare estava no mesmo voo. Como é que não o tínhamos visto quando entramos!? Era uma coincidência estranha, mas

nem tanto, considerando que eram as últimas semanas de férias na universidade. Eu gostava das aulas dele, embora ficasse um pouco irritada com sua ironia exagerada e seu personagem de escritor melancólico. Acho que ele gostava de mim, porque eu era uma das poucas alunas que participava da sua aula.

Nós nos cumprimentamos e caminhamos juntos até o setor das malas. Eduardo ia visitar um amigo dele, um ex-aluno que morava em Londres e que era namorado da Iris, uma amiga minha da graduação, que também estava lá, e com quem Dalia e eu estávamos planejando nos encontrar dentro de alguns dias. Eduardo conhecia bem Londres e nos falou de suas livrarias, pubs e museus favoritos. Estava particularmente animado para ver a exposição de um neoexpressionista alemão na galeria White Cube. Escreveu o nome do artista (Anselm Kiefer) no verso do seu cartão pessoal, caso quiséssemos ir. Logo Dalia já tinha pegado a bagagem dela, Eduardo também a dele, e só faltava minha mala. Finalmente, descobriu-se que ela havia se extraviado. Iriam localizá-la e mandá-la para o lugar onde eu estava hospedada o mais rápido possível. Peguei uma das malas de Dalia e nós três caminhamos em direção à entrada do metrô. Eduardo nos ajudou a comprar os bilhetes para os lugares certos e compartilhou o trajeto conosco por várias estações. Eu sentia uma emoção estranha toda vez que ouvia o homem no alto-falante pedir cautela com o buraco entre o metrô e a plataforma: *mind the gap*.

Eduardo reclamou do frio: não tinha trazido um bom casaco, não faziam casacos sob medida para a sua estatura, disse ele. Eu ri; Dalia não riu e sugeriu que ele comprasse na área de adolescentes — não era uma piada. Um homem no alto-falante explicou que a próxima estação, onde Dalia e eu tínhamos que descer para fazer a baldeação, estava fechada. Ficamos ansiosas, tentamos tomar uma decisão rápida, nos despedimos de Eduardo e descemos ali mesmo. Nosso mapa, grande e amassado,

dizia que passava por ali um ônibus que nos levaria direto ao apartamento.

O elevador da estação estava quebrado, então Dalia arrastou sua mala por dezenas de degraus até a rua. Saímos ao lado de uma praça, vimos borrado na noite um enorme prédio cinza com uma cúpula em cima: Acho que é algo, eu disse a Dalia, animada — mais tarde soubemos que era a National Gallery. Os ônibus vermelhos, de dois andares, pareciam de mentirinha, nós os chamamos e percebemos que a parada era próxima, mas por mais que tentássemos entender em que direção ir, não conseguimos. Nós nos aventuramos no primeiro ônibus que apareceu.

Dalia jogou sua bagagem no pequeno espaço reservado aos carrinhos de bebê. Uma mulher com uma criança pequena gentilmente moveu o dela para que coubéssemos. Sentei-me perto da janela e observei as luzes da rua e os carros. Dalia ficou observando a mulher do carrinho e de repente me perguntou se eu conhecia algum lugar onde se pudesse abortar na Cidade do México. Eu me assustei porque pensei que era para ela, mas ela rapidamente esclareceu que era para uma amiga da universidade — eu conhecia todas as amigas dela, mas ela não quis me dizer quem era. Tinha que ser um lugar barato, porque o pai não estava envolvido e sua amiga não podia dizer nada à mãe. Ela é muito católica?, perguntei. Não, é muito budista, ela respondeu. Não sei que tipo de budismo é, mas a proíbe de matar até uma mosca e não há como convencê-la de que um aborto não é matar. Eu disse a ela que não conhecia nenhum lugar, mas sabia que uma prima minha tinha feito um aborto não muito tempo atrás. Eu ia perguntar a ela. Devíamos ter estudado medicina, disse Dalia, é a única coisa que faz sentido estudar nestes tempos. Sim, mas são muitas agulhas e facas, e esses pobres alunos nunca dormem. Eu amo dormir, eu preciso dormir, disse a ela. Eu, nem tanto, disse Dalia. Ficamos em silêncio por um tempo, observando aquela noite tão diferente da nossa.

Descemos na próxima parada e tentamos corrigir o percurso. Ainda erramos mais uma vez, nunca imaginamos que ler mapas pudesse ser tão complicado, embora estivéssemos acostumadas a consultar de vez em quando os mapas do Guia Vermelho na infinita Cidade do México. Quando chegamos ao ônibus certo, tivemos um ataque de riso e cansaço. Eram quase onze da noite. Dessa vez, conseguimos descer no ponto que nos correspondia. O prédio devia estar próximo. Íamos em silêncio, achando que o bairro era meio sem graça, com prédios cinzentos e recentes, mas aos poucos fomos encontrando um certo charme nele. Na calçada à nossa frente, passou um corredor de shorts e mangas curtas e perguntei em voz alta se ele era louco ou se naquele país era normal as pessoas correrem àquela hora e com aquela temperatura. É normal, o corpo esquenta, disse Dalia, que tinha o hábito de correr de vez em quando e frequentava uma academia onde Citlali e eu também nos matriculamos por alguns meses. Apenas Dalia aproveitava a academia; Citlali e eu nos distraíamos comentando sobre as roupas, imaginando as histórias de vida dos outros usuários. Ficávamos muito angustiadas com um homem que ia todos os dias e ainda parecia estar ganhando peso, e ríamos de um treinador minúsculo, que chamava as mulheres de bonecas e os fisiculturistas de bonecos — nem eles nem elas pareciam ficar incomodados.

Algo não estava certo: tínhamos chegado ao cruzamento onde deveria estar nossa rua e não conseguimos encontrá-la. Desesperadas, paramos num ponto de táxi e pedimos a um motorista que nos levasse ao endereço que havíamos anotado. É virando a esquina, ele nos disse rindo, vai sair muito caro. Tem certeza de que desejam pagar por isso? Tínhamos certeza.

Pensávamos que era o nome da rua, mas era o nome do prédio: esse era o motivo da confusão. No México, os prédios não têm nomes, dissemos ao motorista, que respondeu com outra risada feliz e o valor exato do que devíamos a ele. Tirei

algumas notas do maço escondido no sutiã para pagá-lo e descemos do táxi.



Em Oaxaca, os chinantecos, mixtecos, chatinos e triquis compartilham o enredo principal de um mito, que deriva em parte do *Popol Vuh* dos maias quichés da Guatemala e da *Lenda dos sóis*. Trata-se de uma tecelã (a sra. Tepezcuintle[1] para os chinantecos), esposa de um cervo, que adota ou concebe gêmeos. Em algumas versões, ela engravida enquanto tece, e em seguida, grávida, tece as diferentes camadas do céu em seu tear. Os gêmeos nascidos dela serão o Sol e a Lua, e terão muitas aventuras. Entre elas, matam um monstro de olhos brilhantes, enforcando-o com um fio ou com um cinto trançado. Então jogam uma bola de linha no céu e assim inauguram o tempo, e então sobem pela ponta solta. Também violam uma mulher, que os amaldiçoa e joga agulhas de tricô neles — a face da lua é marcada por essas agulhas. A mulher, furiosa, joga então seu tecido ensanguentado no chão e, a partir daí, as mulheres devem menstruar.



Os equinodermos — as estrelas-do-mar — têm a capacidade de regenerar os membros que perdem. Nós mamíferos não temos. Suprimos essa deficiência até certo ponto, e apenas até certo ponto, com agulha e linha.



1 Paca, em nauatle. [N. T.]

Minha avó sempre usava um dedal. Aprendeu a bordar com sua tia, na aldeia de Yucatán, onde cresceu. Descobriu os dedais quando se mudou para Mérida e ficou maravilhada. Dizia que os dedais, as máquinas de costura e as máquinas de lavar tinham mudado sua vida. Nunca me senti confortável com dedais, mas houve um tempo em que fiquei com calos nos dedos de tanto bordar e, se fosse picada, não sangrava, a agulha não atravessava a pele. Citlali ria nervosamente quando lhe pedia que me picasse para demonstrar a qualidade dos meus calos. Lembrar da sua risada me faz rir, mas me contenho para não acordar minha filha, que dorme no quarto ao lado enquanto bordo seu nome na mochila que nos pediram para seu primeiro dia de aula. O riso deve ser uma das coisas mais difíceis de conter, quase mais difícil do que o pranto. Citlali e eu tínhamos uma amiga, não muito próxima, a quem chamávamos de Pi, que um dia nos convidou para ir à sua casa e ficamos lá por um tempo, observando-a enquanto ela ensaiava suas risadas. Estava procurando uma nova risada porque não gostava da dela, e experimentava várias opções conosco, levava aquilo muito a sério, e Citlali e eu fizemos o possível para não rir dela com nossas risadas indiscretas e selvagens.

Citlali tinha uma risada avassaladora: da sua boca grande saíam gargalhadas como relâmpagos, muitas vezes seguidas por ataques de soluço — uma vez vi seu pai repreendê-la, dizer que algo não estava bem quando ela ria daquele jeito e é por isso que ela soluçava. Citlali estava sempre rindo e os professores a odiavam. Trocava piadas, papeizinhos e desenhos com as garotas ao seu lado, com a habilidade de um espião russo. As risadas se iluminavam ao seu redor como fogos de artifício, os professores achavam que ela estava rindo deles, e muitas vezes tinham razão. Citlali ria de tudo, de todos e de si mesma ainda mais. Mas tirava boas notas, se saía bem nos exames e não havia evidências de seus desacatos, então toda semana, quando ela era enviada à direção por causa de alguma advertência amarela

ou vermelha, ninguém podia dizer exatamente o que ela havia feito, e era quase impossível castigá-la. Passava de um ano ao seguinte como uma eterna suspeita.

Nos primeiros meses depois do início das aulas, Citlali se sentava do outro lado da sala. No recreio, ela se reunia com um grupo de amigas num banco em frente à sacada do primeiro andar, olhando para a quadra, e conversavam entre si sem ver o rosto umas das outras, como se estivessem narrando para o rádio o torneio de futebol que estava sendo disputado no pátio. De vez em quando Dalia — que havia estudado na mesma escola primária que Citlali — sentava-se com elas, embora esse não fosse seu principal grupo de amigas, ela ficava com as atraentes, que já não eram mais meninas, que de tarde jogavam futebol ou vôlei e tinham namorados e usavam decotes e sabiam dançar.

Eu as invejava e as temia um pouco, com exceção de Dalia. Ou sim, mas também a admirava e às vezes sorria para ela quando passava — ela sempre sorria de volta. Dalia era a mais inteligente da sala. Talvez não fosse a melhor em matemática ou biologia, mas era a queridinha do professor de línguas, um barbudo sábio e terno que nos recomendava livros que eu odiava: *A insustentável leveza do ser* ou *Sidarta*, mas conseguia me convencer de que eles eram bons ou pelo menos divertidos de discutir. Era meu professor favorito e Dalia era sua aluna favorita. Ela tinha uma ortografia perfeita, lia melhor do que ninguém, rápido e sem nunca cometer erros, fazia a análise da árvore no quadro-negro num piscar de olhos e tinha lido, isso estava claro, mais do que todos nós juntos. Esse status de estudante escolhida e bela estrela do esporte lhe assegurava admiradores e detratores em igual quantidade. No banheiro feminino, de vez em quando, aparecia um grafite que dizia: *Eu amo Dalia* (*coração*), e também de vez em quando, algum outro que dizia: *Dalia é uma vagabunda*.

No primeiro dia de aula naquela nova escola, eu me inclinei na varanda durante o intervalo, ao lado de uma garota loira muito bonita com uma voz aguda, que conversou um pouco comigo e em algum momento comentou sobre os peitos de uma garota, como eles pulavam quando ela jogava basquete na quadra. Aparentemente, isso acontecia porque ela não usava sutiã. Aparentemente, isso era um erro. Eu também não usava sutiã. Eu sentia que meus seios eram pequenos demais para precisar usá-los e além disso minha mãe odiava sutiãs, a menos que se tratasse de queimá-los em alguma fogueira feminista. Assim que ouvi o comentário da loira, me senti uma idiota. Imediatamente percebi como meus peitos saltavam sob a blusa, mesmo sendo pequenos; fiquei o resto do dia de suéter, mesmo fazendo muito calor, e depois de vencer uma luta que a princípio parecia impossível, convenci minha mãe a me levar às compras naquela mesma tarde. Daquele dia em diante, ficou claro para mim que eu era uma das estranhas e, como deveria ser, comecei a me juntar a elas.

Éramos uma flautista, sorridente, de aparelho, que era boa nas ciências exatas e se chamava Manuela (eu acho); outra ultratímida, baixinha e magricela, chamada Sol, que apesar do nome brilhava pelo pouco ou nenhum carisma, mas compensava com enorme gentileza e cordialidade; Lourdes, que tinha olhos de girafa e em vez de fazer anotações penteava os longos cabelos ruivos durante toda a aula — ela tinha uma memória tão boa que não precisava fazer anotações —, e eu, que naquela época não saberia me definir, e agora tampouco, é claro.

Parte da minha estranheza era que mesmo com elas eu não gostava muito de conviver. Quase nunca saía da sala. Nos intervalos ficava lendo, desenhando ou almoçando ameixas e marzipã. Desenhava e escrevia para não perder a imaginação. Tinha certeza de que iria perdê-la, de que todos os adultos a perderiam em algum momento. Aferrava-me, cheia de angústia, àquele olhar infantil que encontra em tudo ao seu redor

motivos de curiosidade e espanto. Com quem mais conversava eram os professores, que me amavam por ser diligente. Na minha escola de ensino fundamental hippie, nunca nos mandaram lição de casa, então quando entrei no ensino médio, achei que era uma verdadeira novidade, estava animada para fazê-las. Se não era a mais inteligente, era possivelmente a mais nerd da classe.

Apesar disso, eu não sabia inglês o suficiente para entrar na seção A, aonde iam os alunos de nível mais alto. Na minha outra escola, o inglês era considerado o idioma do império e nos ensinavam apenas o básico. O suficiente, em todo caso, para me render um lugar na área B, onde também estava Citlali. Havia poucos de nós na área B, nossas amigas habituais não estavam lá e nos sentávamos em carteiras contíguas. A primeira vez que conversamos, Citlali apontou para a mochila do professor: o zíper da frente estava aberto e dava para ver ali dentro uma caixa de preservativos com sabor de morango. Eu já imaginava que Tania — assim se chamava a professora de biologia — gostava de morango, ela me disse, e rimos enquanto o professor passava os exercícios na lousa. A caixa acabou caindo da mochila e de tanto rir Citlali começou a soluçar. Passamos o intervalo juntas, tentando de tudo para acabar com eles: prender a respiração, tomar um susto, beber água de ponta-cabeça. Tudo isso nos fazia rir mais e piorava os soluços. Só parou depois, enquanto conversávamos.

Começamos a nos reunir naquela aula para os trabalhos em grupo, que consistia quase sempre em transcrever as letras das músicas dos Beatles ou responder a questionários sobre os filmes de Tim Burton. A partir dos Beatles (que Citlali odiava, porque tinha ouvido *ad nauseam* seu pai tocando num grupo de covers chamado Los cara abajo), começamos a falar de música. Nós duas gostávamos dos Aterciopelados e de Blondie, também gostávamos dos mesmos programas de televisão na MTV e de cereais coloridos. Tínhamos um senso de humor semelhante;

com ela descobri como poderia ser delicioso tirar sarro das pessoas pelas costas, tínhamos piadas locais recorrentes, envolvendo, por exemplo, um menino que chamávamos de "pelado", porque um dia ele veio usando uma camisa mais comprida que o short e parecia que estava sem roupa da cintura para baixo; ou a professora Tania, que para nos fazer calar a boca emitia um relincho muito realista a plenos pulmões; ou o colega de classe que chamávamos de Godínez, que só falava de futebol e não entendia nenhum conceito se não lhe fosse explicado com balões. Mas ríamos, na maioria das vezes, de nós mesmas: da imitação perfeita que Citlali fazia de Édith Piaf ou de um vídeo que filmamos com a câmera do seu pai, para a aula de História Mundial, sobre os neandertais, onde por um instante dá para ver um mamilo meu porque eu tinha amarrado o cobertor com estampa animal errado.

Comecei a encontrar Citlali em alguns intervalos e depois em todos, e na saída e à tarde também. Abandonei a girafa e as outras, juntei-me ao grupo de amigos de Citlali, embora minha relação com Pi — a garota com a risada ensaiada — e com o resto fosse bastante superficial: Citlali é que era minha amiga de verdade.

Foi um dia em que eu estava com Citlali na sala, durante um intervalo, que Dalia falou comigo pela primeira vez. Ela disse: "Eu gosto do seu nariz". Uma garota estava rolando um "fofocômetro" onde tínhamos que preencher quem achávamos que era o mais bonito, quem tinha os olhos mais lindos e quem era o mais engraçado da classe, esse tipo de coisa. Havia folhas dedicadas à descrição de cada um, e as amigas de Dalia estavam usando uma fita métrica para anotar quanto tinham de busto, quanto de cintura e quanto de quadril. Tentei a todo custo passar despercebida para não ter de responder, mas Dalia me viu, aproximou-se de mim e me perguntou como eu descreveria meu nariz, porque era o nariz de que ela mais gostava na classe e estava pensando em escrevê-lo no fofocômetro. Eu odiava

meu nariz só um pouco mais do que odiava o resto do meu corpo. Eu era magra, mas tinha uma barriga engraçada, algumas estrias vermelhas nos quadris e seios pontudos que tentava esconder com camisas largas e encurvando as costas. Meu nariz tinha um relevo estranho sem chegar a ser distinto, uma curvatura convexa que quando criança eu tentava corrigir com fita adesiva. Eu me achava simplória. Tudo em mim, corpo e alma, parecia simples. Dalia, por outro lado, era notável, linda. Ela era alta, tinha uma pele morena brilhante, cabelos pretos estritamente lisos, braços bem torneados, dentes muito brancos e um nariz com uma curvatura côncava perfeita. Sua voz era rápida, confiante e profunda. Ela falava como se fosse uma estrangeira, com um sotaque só seu. Tinha nascido no México e sua mãe era mexicana, mas seus avós maternos — que tinham morrido num acidente antes de ela nascer — eram franceses e ela parecia ter herdado um pouco do seu sotaque. Poucas das coisas que me disseram naqueles anos tiveram tanto impacto em mim como quando Dalia disse que gostava do meu nariz. A partir de então, sempre a tive em alta conta, embora nossa amizade tenha começado de verdade alguns anos depois.



Aprendi a ler e escrever ao mesmo tempo em que aprendi ponto-cruz. Minha avó me ensinara o básico, mas foi só na oficina da escola primária com Cristina, aos seis anos, que consolidei o que sabia. Cristina era a menos feminina das professoras da minha escola primária. Sempre se vestia com calças e camisas lisas, nunca usava brincos ou colares, tinha cabelos lisos muito curtos e pequenos olhos puxados. Sua voz era profunda e doce, e ela sempre era calorosa e gentil. Cristina nos dava aulas de informática, e ali, aqueles de nós que também estavam na oficina de ponto-cruz com ela (todos nós éramos aleatoriamente designados para uma oficina a cada três meses: carpintaria,

culinária, *alebrijes*,[2] resina, pirografia, argila, teares, batique ou ponto-cruz) tínhamos autorização de aproveitar a oportunidade para desenhar e projetar padrões com o zoom do programa *paint*, que quadriculava a tela para simular o tecido quadriculado. Na oficina, Cristina também bordava, e o avesso do seu bordado, que distingue os especialistas dos amadores, era um padrão geométrico imaculado.

Ainda tenho o bordado que fiz naquela oficina de Cristina. É um gato cinza, mas parece um robô de quatro patas.



Parece anacrônico apresentar Dalia à minha filha. Já não é mais um bebê, há muito tempo passei por esse ritual com meus amigos e familiares. Acho horrível que ela a conheça tão tarde, deveria ter sido uma das primeiras. Também passei por aquele período difícil em que ficou claro quais amigas ficariam ao meu lado e quais não. As que entendiam o cansaço, os horários e as constantes interrupções (muitas delas também tinham filhos), ou as que simplesmente demonstravam carinho e interesse pela nossa nova vida, as que não tinham problemas em sentar no chão para brincar enquanto conversávamos, essas ficavam. Aquelas que insistiam em nos ver em momentos impossíveis, aquelas que vinham para visitar e exigiam a mesma atenção que o bebê, essas eu não vejo mais. Temo que Dalia seja desse último tipo. Ela nunca gostou de crianças. Tenho tanto medo que quase prefiro não saber. Talvez ela tenha mudado, mas não sei quase nada sobre sua vida atual. Nas redes sociais, ela posta

2 Figura artesanal originária do México, geralmente representando criaturas fantásticas ou imaginárias, formadas por combinações de diferentes animais. Esses seres são feitos de madeira, papel-machê ou outros materiais e são tradicionalmente pintados com cores vibrantes e padrões geométricos complexos. [N. T.]